

A representação da mulher atleta paralímpica em três capas do jornal *O Globo*¹

Neide Maria CARLOS²
José Carlos MARQUES³
Unesp, Bauru, SP

RESUMO

A partir da cobertura da imprensa durante as Paralimpíadas Rio 2016 selecionamos três capas do jornal *O Globo* para verificar as formas de representação da mulher atleta com deficiência. Nosso objetivo é verificar qual o papel atribuído a essas atletas, a forma como são representadas e os possíveis conflitos implicados nas questões de gênero e do corpo na comunicação. Sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, discutimos aqui as formas de construção imagética e seus efeitos de sentido nos enunciados das capas do jornal.

PALAVRAS-CHAVE: paralimpíadas; esporte; fotojornalismo esportivo; jornalismo impresso; fotografia.

Introdução

A edição dos Jogos Paralímpicos de 2016 aconteceu na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 07 e 18 de setembro daquele ano. Segundo dados do site oficial do Comitê Paralímpico Internacional (disponíveis em <https://www.paralympic.org/rio-2016>, consultados em 09/10/2016), foram 159 países participantes, um total de 4.333 atletas, entre 2.663 homens e 1.670 mulheres em 22 modalidades esportivas. A delegação brasileira contou com 285 atletas, entre 185 homens e 100 mulheres, segundo matéria disponibilizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (<http://www.brasil.gov.br/editoria/esporte/2016/08/comite-paralimpico-anuncia-seis->

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Bauru - SP. E-mail: neidejornal@gmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus de Bauru). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br

[novos-atletas-na-delegacao-brasileira](#), consultada em 07/07/2018). Nossa pesquisa se desenvolve em torno às representações das atletas femininas criadas por canais midiáticos, o papel atribuído a essas atletas, a forma como são representadas e os possíveis conflitos implicados nas questões de gênero e do corpo na comunicação.

No presente artigo, a partir da cobertura da imprensa durante as Paralimpíadas, delimitamos três capas do jornal carioca *O Globo* para verificar os efeitos de sentido construídos pelos registros fotográficos presentes nessas páginas e a relação de sintaxe estabelecida entre as mensagens verbais e visuais. *O Globo* tem sede na mesma cidade dos jogos, Rio de Janeiro, e, por isso, constituiu-se em veículo de grande proximidade ao evento. Partimos do questionamento sobre a forma como as imagens fotográficas retrataram a inserção da mulher atleta com deficiência no ambiente do esporte e como foram descritos os seus feitos.

Buscamos analisar as construções discursivas construídas pelo jornal sobre a mulher atleta com deficiência, verificando qual tipo de que recorte foi produzido, como foi narrada a participação feminina nos Jogos Paralímpicos e qual o lugar ocupado por essas mulheres no espaço da página de jornal, considerando que já é significativa a primeira constatação de que entre treze capas de jornais, correspondentes ao período de cobertura entre abertura e encerramento dos jogos (de 07 a 19 de setembro de 2016), apenas em três edições o jornal apresentou imagens de atletas femininas. Assim, sob um olhar norteado pela Análise de Discurso de linha francesa, discutiremos aqui as formas de construção imagética e seus efeitos de sentido nas fotografias das capas dos dias 08, 15 e 17 de setembro de 2016 do jornal *O Globo*.



Figura 01. Capa de *O Globo* de 8 de setembro de 2016.



Figura 02. Capa de *O Globo* de 15 de setembro de 2016.



Figura 03. Capa de *O Globo* de 17 de setembro de 2016.

Em uma página de jornal, como destaca Patrick Charaudeau em *Discurso das Mídias* (2015), as notícias devem ser organizadas com o propósito de serem apresentadas e anunciadas. Segundo Charaudeau (2015), visibilidade, legibilidade e inteligibilidade são critérios a serem perseguidos pela imprensa escrita dentro de sua instância midiática. Nesse sentido, o autor (2015) destaca que os elementos da linguagem informativa (verbais e visuais) são organizados na página de um jornal com objetivos pontualmente determinados. Charaudeau (2015, p. 233) define três funções da visibilidade: “*fática*, de tomada de contato com o leitor, *epifânica* de anúncio da notícia, e *sinóptica*, de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal.” Todos esses pontos serão considerados no nosso percurso de análise.

Charaudeau (2015), propõe discussões sobre a influência dos discursos, enquanto linguagem, na circulação de sentidos sobre acontecimentos sociais. Através das imagens de mulheres atletas com deficiência, veiculadas através das capas do jornal, buscamos investigar a forma como se processa a significação e como a ideologia se materializa nesses discursos. Nas palavras de Eni Orlandi (2005, p. 10), “deve-se praticar a Análise de Discurso como um dispositivo que permite analisar a textualização do político, o que já é um passo importante na compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder”. Consideramos, portanto, que as formas discursivas

que nos propomos a analisar podem ecoar discursos presentes no imaginário social a respeito da mulher, da pessoa com deficiência e do esporte paralímpico.

Muitos são os textos sobre mulheres que povoam o nosso imaginário. Padrões de comportamentos esperados das figuras femininas em sociedade, formas de se colocar no mundo, traços físicos idealizados. Grande parte dessas narrativas contadas por vozes masculinas ao longo de nossa história, como nos descreve Michelle Perrot em *Minha História das Mulheres* (2013).

De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal acabado, um ser incompleto, uma forma mal cozida. Freud faz da “inveja do pênis” o núcleo obcecante da sexualidade feminina. (PERROT, 2013, P. 63)

Segundo Perrot (2013), mulheres são aprisionadas a estereótipos sobre beleza, postura e condutas idealizadas as quais o corpo feminino deve se conformar. Com isso, são muitas as marcas aparentes de diferentes tipos de violência cometidos contra o corpo da mulher. Marcas que se encontram visíveis na configuração corporal feminina, seja na busca por atingir padrões de beleza ou na necessidade de se adequar a papéis sociais. Nas palavras de Perrot (2013), é dentro desse processo que a mulher se torna uma imagem.

Tais fatores acompanham a mulher nos espaços sociais em que ela ocupa. No esporte, é comum a representação de atletas femininas com destaque para modalidades que acentuam estereótipos atribuídos a feminilidade. Ao mesmo tempo, a questão da força feminina é constantemente colocada à prova. Atletas femininas são acusadas de serem acometidas por humores incontroláveis ligados a sua condição biológica, pontos de fraqueza que as levariam a condições de inferioridade para a disputa esportiva.

Muito já se falou e ainda tem se falado sobre a mulher, muitos são os papéis que lhe são impostos socialmente. É nesse contexto que buscamos verificar como a imprensa representa a mulher no esporte, como ela é incluída sendo atleta e pessoa com deficiência. Interessa-nos investigar como a mídia impressa direciona a construção de uma opinião a respeito dessas mulheres através de suas formas de produção de sentido. Considera-se, portanto, que valores simbólicos são construídos através de atos de comunicação.

Joan Scott, em seu texto *O enigma da igualdade* (2005), chama a atenção para o fato de que mulheres são tratadas como grupo minoritário, ainda que correspondam a

maioria da população, porcentagem que pode sofrer pequenas variações. Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE do ano de 2010 (disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html>, consultado em 07/07/2018), a população estaria dividida em 51,03% de mulheres e 48,97% de homens. A expressão em números da realidade populacional revela a desproporção do espaço social de representatividade ocupado por mulheres e nos remete aos questionamentos sobre relações de poder.

Mulheres com deficiência passam ainda por um julgamento em relação às suas diferenciações físicas que as levam a ocupar um outro espaço nos grupos sociais, identidades de grupo intimamente ligadas a questões do corpo. Todo corpo com deficiência visível provoca um confronto das sensibilidades com diferentes realidades corpóreas através de uma materialidade. Para Le Breton (2007, p. 73), “a relação social estabelecida com o homem que tem uma ‘deficiência’ é um profícuo analisador da maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e a diferença”. É preciso ressaltar que um grupo formado por pessoas com deficiência é também diverso em sua configuração.

Nesse contexto, o esporte pode ser pensado como linha de tensão para a inclusão, campo onde também se desenvolvem paradoxos. A reivindicação pela inclusão passa pelo reconhecimento de que existe a diferença. A igualdade sempre foi dada a determinados grupos optando-se por reconhecer alguns e ignorar outros indivíduos sociais. Joan Scott (2005, p. 15) nos coloca que “a igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente” na nossa sociedade.

Reivindicações de igualdade envolvem a aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação. Ou, em outras palavras: os termos de exclusão sobre os quais essa discriminação está amparada são ao mesmo tempo negados e reproduzidos nas demandas pela inclusão. (SCOTT, 2005, p. 15)

Dentro do debate entre igualdade e diferença, não é possível haver uma eliminação das diferenças, mas é necessário o seu reconhecimento. Scott (2005) argumenta que opor a questão dos direitos individuais e das identidades de grupos pode comprometer a relevância de se debater a interconexão entre essas questões.

Nas palavras de David Le Breton (2007, p. 7), “a existência é corporal” e todas as ações humanas, inclusive a comunicação, envolvem a mediação da corporeidade. Se

o corpo é lugar de diferenciação individual poderia conter, ao mesmo tempo, o caminho da inserção, a forma de estabelecer uma nova maneira de se impor ao mundo. “Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”, aponta Le Breton (2007, p. 7).

É na inquietação sociológica que surgem as rupturas com as explicações até então aceitas sobre os comportamentos e as mentalidades, as lógicas sociais e culturais passam a ser repensadas quando confrontadas. Estabelece-se aí uma crise das significações e das referências e que, como descreve Le Breton (2007), coloca o corpo sob os holofotes. Há que se pensar o corpo não mais como exclusão, mas como agente de inclusão. O corpo como um conector do indivíduo a outros indivíduos, uma conexão que poderia ocorrer através do esporte.

Percurso e fundamentação

Fotografias imprimem significados do mundo através de sua materialidade e se constituem em relevante recurso discursivo para a imprensa. Charaudeau (2015, p. 131) nos lembra que “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular”. Buscando investigar os possíveis sentidos construídos pelas imagens nos enunciados das primeiras páginas do jornal, tomamos a perspectiva da AD como olhar norteador na busca por vestígios sobre o imaginário discursivo a respeito das mulheres atletas com deficiência. Eni Orlandi (2002, p. 17) ressalta que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”.

Definido o nosso objetivo, propomos uma abordagem teórica e analítica considerando, como propõe Gregolin (2007, p. 14), que “o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas”. Pensamos a prática discursiva como reflexo de um momento histórico em que o real ganha formas com o auxílio de dispositivos discursivos (verbais e visuais). Boris Kossoy (1999) considera que imagens fotográficas são por nós assimiladas e se tornam parte do que somos e pensamos, elas nos impactam de formas diferentes e podem ajudar a compor nosso imaginário a respeito do mundo.

Em *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*, Eni Orlandi (2012), segundo Fernandes & Oliveira (2012, p. 277), propõe a análise de um documentário a partir da discussão sobre as diferentes materialidades do discurso, atentando para o fato de que seria essa materialidade “o que explica a relação entre o real e o imaginário”.

Reconhecendo também a necessidade de se criar mecanismos de análise adequados às diferentes formas de construções discursivas.

Essa análise é um exemplo de como a AD pode abordar os novos materiais textuais, considerando inseparáveis os dispositivos teórico e analítico. Além disso, a autora salienta que a natureza do material significante a ser analisado afeta justamente este último, o dispositivo analítico, sendo neste ponto a entrada de outras áreas que ajudem a analisar as especificidades desse material. (FERNANDES & OLIVEIRA, 2012, p. 277)

Segundo Orlandi (2009, p. 60), “descrição e interpretação se inter-relacionam”. Sendo assim, dois momentos estariam envolvidos no procedimento de análise: inicialmente, a consideração de que o sujeito falante interpreta e é necessário descrever os mecanismos envolvidos nessa interpretação que constituem o sentido; posteriormente, é preciso reconhecer que a própria relação do analista com o objeto envolve uma interpretação que necessita do que a autora denomina de “um dispositivo teórico” que permita que ele trabalhe entre a descrição e a interpretação.

O dispositivo, a escuta discursiva, deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Nessa empreitada, descrição e interpretação se inter-relacionam. (ORLANDI, 2009, p. 60)

Como complemento ao aporte teórico, recorreremos a autores que nos forneceram elementos para a discussão sobre o papel da fotografia. Autores como Roland Barthes (1990) e Boris Kossoy (1999, 2001), além de teóricos das questões de gênero e identidades de grupos sociais como Joan Scott (2005) e Michelle Perrot (2013).

Há uma ação da palavra, linguagem verbal, sobre as imagens na composição de um enunciado de capa de jornal. Essa ação é pensada e ilustra a forma que se pretende controlar os significados da imagem. Barthes (1990) define essa relação como ancoragem. Nas palavras do autor (1990), o texto ajudaria a conformar a vista e a inteligência para induzir a determinados significados.

Outra questão a ser pensada é que mensagens verbais e visuais ocupam um espaço na primeira página que caracterizam a forma hierárquica com que a informação foi tratada. Nesse ponto, como já foi citado, Charaudeau (2015), através da semiolinguística, nos auxilia a traçar um percurso de análise onde se torna necessário verificar: a forma como a notícia é apresentada pela exigência da visibilidade se

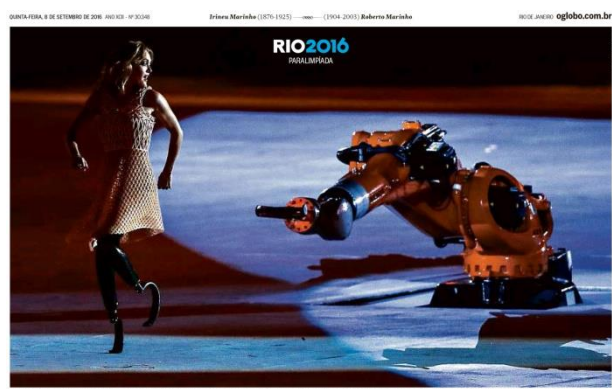
observando as funções *fática*, *epifânica* e *sinóptica*; a maneira como cumpre a exigência de legibilidade no modo como o discurso é organizado; e a exigência por inteligibilidade exposta nas formas textuais da notícia. Investigaremos os enunciados e as imagens tendo no horizonte o que nos coloca Tomaz Tadeu (2009, p. 10) “não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder”.

Análises

O Globo é um jornal diário, de circulação nacional, com sede no Rio de Janeiro. Segundo os dados mais recentes disponibilizados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), referentes ao ano de 2015, a média de circulação da versão impressa naquele ano era de 193.079 exemplares (fonte <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>, consultada em 08/07/2018). A seguir, a análise das capas de três edições do diário que circularam nos dias 08, 15 e 17 de setembro de 2016.



Figura 01. Capa de *O Globo* de 8 de setembro de 2016.



Paralimpíada emocionosa Maracanã

Espetáculo destaca os desafios individuais e encanta até sob chuva

Figura 04. Recorte da capa de *O Globo* de 8 de setembro de 2016 com imagem de um momento da abertura dos Jogos Paraolímpicos do Rio onde a paratleta Amy Purdy se apresenta.

A capa do *Globo* do dia 08 de setembro traz a cobertura do jornal sobre a abertura dos Jogos Paralímpicos do Rio, entre outros temas. A manchete “Paralimpíada emociona Maracanã” destaca o evento e traz um apelo emotivo. Sobre a manchete, a imagem da paratleta dos Jogos de Inverno, Amy Purdy, que participou da abertura dos jogos do Rio realizando uma coreografia de cerca de dois minutos em parceria com um braço mecânico, um robô. Amy sofreu amputação de parte dos membros inferiores, região abaixo dos joelhos, após contrair uma bactéria aos 19 anos.

A figura de Amy se enquadra em estereótipos de beleza física, ao mesmo tempo em que projeta uma imagem meio humana/meio máquina. Ela nos remete a um questionamento que, segundo Tomaz Tadeu em *Antropologia do Ciborgue* (2009, p. 10), é um dos mais relevantes questionamentos do nosso tempo: “onde termina o humano e onde começa a máquina?” Lançando assim a questão do que Tadeu (2009) descreve como um pós-humano.

Após essa performance de cerca de dois minutos na abertura dos jogos, as matérias e imagens que se seguiram em alguns canais midiáticos descreveram a paratleta como uma mulher “bonita”. Amy se enquadraria dentro dos padrões ocidentais de beleza, mulher branca, cabelos longos e loiros, corpo magro e atlético. Seu diferencial seria a presença das próteses modernas que permitem que ela caminhe. O momento em que Amy contracena com um braço robótico traz também essa alusão intencional de que o ser humano com deficiência pode ser também uma criatura tecnológica. Ao mesmo tempo, na imagem selecionada, no instante congelado, a bailarina parece se afastar do braço robótico que nesse momento nos remete a um símbolo fálico.

A segunda foto apresentada no centro da página traz o registro de autoridades que estiveram presentes no Maracanã. A presença da figura de Michel Temer no centro da página pode ser percebida também como uma imagem simbólica da dominação masculina. Temer havia assumido a presidência do país após o impeachment de uma mulher, Dilma Rousseff, que ocupava a presidência da República eleita por processo democrático. Ao lado do político, sua jovem esposa, também loira e de cabelos longos, Marcela Temer.

Amy Purdy talvez seja uma representação embelezada da mulher com deficiência e que incorpora uma imagem meio máquina com a substituição de parte de

o da fotografia das paratletas. Na imagem do futebol há fácil identificação dos atletas e seus nomes estão presentes no texto.

No abraço das atletas dos Jogos Paralímpicos é possível identificar a velocista brasileira Terezinha Guilhermina. A atleta com deficiência visual é conhecida pelas máscaras coloridas que usa em suas corridas e por isso é possível a percepção de que se trata de Terezinha na foto do jornal. Subtende-se que as atletas conquistaram medalhas e o que abraço é de comemoração pela vitória. Já o texto e o título não deixam claro qual o peso da participação feminina na conquista do recorde de medalhas ali mencionado.

Sob o aspecto da visibilidade que nos aponta Charaudeau (2016), a notícia é apresentada e anunciada de forma pouco aparente, ainda que se considere que está elencada no rol dos temas em destaque de primeira página. O percurso visual do leitor demora a tomar conhecimento do assunto no pé da página e tem sua atenção dividida com o futebol. Sobre a legibilidade, há um grande número de elementos na página que disputam a atenção do olhar, é uma página composta por muitos elementos textuais, gráficos e visuais. As mulheres, personagens e tema da matéria dos jogos, são pouco percebidas, assim como as suas conquistas ou suas identidades. A fotografia das atletas se torna ilustrativa e pouco significativa quanto ao papel da mulher no esporte paralímpico.



Figura 03. Capa de *O Globo* de 17 de setembro de 2016.

A capa do *O Globo* do dia 17 de setembro de 2016 traz como manchete um tema da economia nacional e logo abaixo matéria da política nacional, tema em alta naquele momento. Ao final, na parte inferior da página, uma foto dos Jogos Paralímpicos na imagem de Silvânia Costa de Oliveira, atleta de salto em distância para cegos, registrou de um momento em que ela saltava pela conquista do ouro paralímpico.

A fotografia traz o congelamento preciso da ação da atleta e a destaca na composição através do foco. Um registro de ação esportiva que ocupa espaço de destaque na questão de visibilidade na página pelo tamanho em que é editada na capa do jornal. Ao mesmo tempo, temos a percepção de que no topo da página há outra imagem de mulher que atrai inicialmente o olhar. Há um destaque em vários aspectos, pelo espaço que a imagem aparece, seu tamanho proporcionalmente a totalidade da página, e também por estar localizada em um espaço privilegiado pelo percurso de leitura do olhar onde a foto se sobrepõe ao próprio logotipo do jornal.

Trata-se do modelo Celina Locks. Vale destacar alguns aspectos sobre a personagem na capa: Celina é modelo e, portanto, se enquadra em estereótipos de beleza (loira, cabelos longos, magra, olhos claros), é também namorada de um ex



Figura 06. Recorte da capa de *O Globo* de 15 de setembro de 2016 com a imagem de um momento do salto da paratleta Silvânia Costa de Oliveira durante a disputa dos Jogos Paralímpicos do Rio.

jogador de futebol muito conhecido, Ronaldo Fenômeno, e o texto destaca essa informação. Título e subtítulo se confundem pelo tamanho e pela forma como estão editados na página: “Um corpo de virar o pescoço” e “Celina Locks é a musa da vez”. Temos, portanto, duas mulheres na capa do jornal ocupando formas de visibilidade diferentes. Celina é destacada pela beleza, mas também reconhecida pelo fato de estar ligada a uma figura de poder masculino. Provavelmente o seu destaque também está relacionado a questão econômica de compra de espaço no jornal. A paratleta Silvânia é uma medalhista, apresentada ao final da página, e que é representada no ambiente do esporte, ainda que o texto que acompanha a sua imagem traga em primeiro lugar o nome de Daniel Dias para depois elencar o nome de Silvânia também como medalhista de ouro.

Nas funções *sinópticas* e *epifânicas*, descritas por Charaudeau (2015), no anúncio da notícia e na orientação de leitura das informações, há maior destaque para a imagem estereotipada de Celina. O texto “Namorada de Ronaldo Fenômeno, que diz ser tímida, quer cair nas graças de Lagerfeld” atribui um padrão de comportamento através da descrição da fala que seria da modelo em destaque.

Resultados e Discussões

A primeira constatação importante se deu logo no início deste trabalho com a percepção de que entre treze edições do jornal *O Globo* analisadas previamente, apenas três apresentavam imagens de mulheres paratletas em suas capas. Ao longo das competições foram 21 mulheres a conquistarem medalhas nos jogos. Ainda assim, apenas três mulheres medalhistas aparecem em duas capas de jornais.

A primeira mulher paratleta a ser retratada na capa do jornal foi Amy Purdy que participa das edições de inverno dos jogos, mas foi destaque na abertura dos Jogos do Rio. Amy carrega em sua imagem o padrão de beleza feminina e uma configuração corporal que remete ao corpo ciborgue, onde elementos tecnológicos substituem parte de seus membros inferiores. Nas outras duas capas de jornais aqui apresentadas, as deficiências das mulheres não se encontram aparentes. Considerando que o corpo comunica, algumas formas de deficiência podem passar despercebidas.

As formas de tratamento das imagens das mulheres atletas com deficiência nas capas de *O Globo* confirmam a hipótese pensada de um espaço hierárquico pouco

expressivo dedicado aos feitos das paratletas. Confirma-nos também a percepção inicial de que os jornais podem revelar uma leitura de mundo carregada por relações de poder. Ou ainda, como no exemplo da imagem da modelo Celina que é apresentada em destaque em uma das páginas, privilegiando a sua beleza, mas, ao mesmo tempo, a subordina a uma figura masculina de poder.

A percepção dos sistemas de opressão e as formas como eles se apresentam é que pode nos ajudar a constituir uma ação de mudança ou uma forma de resistência. Nossas constatações também reforçam a necessidade do debate como o proposto por Joan Scott ((2005) entre igualdade e diferença. Questões que são vivenciadas por mulheres atletas com deficiência em diferentes níveis se considerarmos que há uma opressão do feminino e há uma discriminação do corpo que foge a padrões considerados de “normalidade”.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aline Fernandes de. *Sentidos do corpo: metáfora e interdiscurso*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2014.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FERNANDES, Carolina; OLIVEIRA, Rodrigo. Resenha ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Revista Organon, Porto Alegre, no 53, p. 275-284, julho-dezembro, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, Vo l. 4, n. 11, p. 11 – 25, Novembro, 2007.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, n° 1, p. 9-13, Junho/2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irebene Costera. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Revista Estudos Feministas, v. 10, n° 1. Florianópolis, 2002.
- SCOTT, Joan W. *O enigma da Igualdade*. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005.

TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.